

OS IMPACTOS DA CAMUFLAGEM SOCIAL NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Dayane Ribeiro dos Santos¹

Antonio Morais da Costa²

Ana Carolina Teixeira Veloso³

RESUMO

O presente artigo visa caracterizar o Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio de uma revisão de literatura, destacando suas manifestações, critérios diagnósticos e as variabilidades na apresentação dos comportamentos entre diferentes grupos demográficos. Foca-se especialmente nas diferenças de gênero, enfatizando a subdiagnóstica em meninas devido a características menos evidentes. Com base nessa caracterização investigou-se os impactos na educação e inclusão de crianças autistas, em especial as meninas. A investigação pauta-se numa abordagem qualitativa do tipo exploratória que empreendeu o estado da arte nas plataformas Pubmed, SciELO, Elsevier, Google Scholar e Science Direct utilizando uma combinação das palavras-chave "masking", "camuflagem social", "autismo" e "meninas". As pesquisas encontradas foram selecionadas com base nos resumos e o aprofundamento teórico ocorreu através da análise das nomeadas pesquisas-fontes selecionadas. Estes estudos foram lidos em sua integralidade e selecionados devido maior familiaridade com o tema em foco. Concluiu-se que a subdiagnóstica em meninas ocorre por conta da apresentação de comportamentos menos evidentes devido à habilidade de camuflagem social. Por isso, os desafios na educação e no suporte à saúde das meninas é agravado, pois os estudos revelaram que ansiedade, depressão e outras doenças estão associadas à falta ou ao diagnóstico tardio. A revisão destaca que os critérios diagnósticos contemplam a pluralidade do espectro, mas requerem um olhar às manifestações de cada criança, deve-se considerar o gênero, a pluralidade de características e repensar as intervenções educativas para melhor atender as especificidades do TEA.

Palavras-chave: Autismo, Estado da Arte, Camuflagem Social, Meninas, Educação.

INTRODUÇÃO

Os sinais do Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem surgir precocemente, na infância, manifestando-se, sobretudo, por meio de atrasos nos marcos do desenvolvimento, como: dificuldades motoras (engatinhar, caminhar, falar); sociais (demora em responder ao ser chamado ou contato visual limitado ou muito breve; preferência por brincar sozinho; ou, quando com outras crianças, tendência a imitar, correr, gritar com intensidade emocional); brincadeiras diferentes do esperado (girar objetos redondos; agrupar, empilhar, organizar objetos por cores e/ou tamanhos, etc.);

¹ Professora Pedagoga da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Pedagoga e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC; E-mail: davaneribeirods02@gmail.com

² Professor Pedagogo da Prefeitura Municipal de Fortaleza - CE. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, com especialização em Psicopedagogia e Educação Especial e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; E-mail: moraisfruticultura@gmail.com.

³ Professora Pedagoga da Prefeitura Municipal de Fortaleza – CE. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, com especialização em Educação Especial pela Faculdade São Francisco da Paraíba - FASP; E-mail: carolhistoros@gmail.com.

expressam-se, principalmente, através do corpo (movimentos estereotipados e repetitivos; deitar no chão; mexer continuamente os dedos e/ou mãos; correr de um lado para o outro, balançar o tronco; mexer nos cabelos; girar em torno de si; etc.) (DSM-5, 2020).

A causa do TEA ainda não é totalmente compreendida, mas estudos sugerem que uma combinação de fatores genéticos e biológicos podem estar envolvidos. É importante lembrar que as características do TEA variam muito de uma criança para outra, e o diagnóstico deve ser feito por um profissional especializado. Quanto mais cedo o TEA for identificado, melhor será a chance de a criança receber o apoio necessário (Cupertino *et al.*, 2019).

Historicamente, a palavra "autismo" foi empregada inicialmente em 1906, por um psiquiatra que se dedicou a entender a formação de pensamentos em indivíduos com esquizofrenia. Em 1911, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler utilizou o termo "autismo" para categorizar sintomas da esquizofrenia e, após a Segunda Guerra Mundial, o autismo passou a ser concebido de forma independente da esquizofrenia (Marfinati; Abrão, 2014).

Em 1943, o médico austro-húngaro Leo Kanner trouxe novas interpretações para o autismo. Naquele ano, publicou *Os Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*, resultado de uma pesquisa realizada com 11 pacientes infantis que foram caracterizados pela "inabilidade de estabelecerem relações usuais com pessoas e situações, desde o início de suas vidas" (Kanner, 1943, p. 243, grifo do autor).

Orrú (2016), enfatiza que, em 1943, Leo Kanner já tinha relatado, pela primeira vez, 11 casos nomeados por ele de distúrbios autísticos, do contato afetivo. Observou que existia nestes casos uma "incapacidade de relacionar-se" de maneiras usuais com os indivíduos desde seu nascimento. Kanner, também analisou respostas incomuns ao ambiente, que compreendiam maneirismos, motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia. Também notou características não usuais das capacidades de comunicação da criança, como a inversão dos pronomes e a propensão ao eco na linguagem (ecolalia). Kanner realçou a predominância dos déficits de relacionamento social, bem como dos comportamentos incomuns (Orrú, 2016).

Em 1944, o psiquiatra Hans Asperger, lançou seu artigo intitulado *Psicopatia Autística na Infância*, abordando o autismo sob outra perspectiva: o autismo se revela em níveis, a depender de cada criança, pensamento este que abriu precedentes para a compreensão do TEA como conhecemos hoje (Orrú, 2016).

A demora no diagnóstico é frequente, em parte devido à falta de conhecimento sobre o TEA por parte de profissionais de saúde e familiares. A heterogeneidade dos comportamentos e a ausência de um marcador biológico específico dificultam a identificação do TEA, especialmente em seus estágios iniciais.

Nesta lacuna que se abre, o autista acaba por buscar meios para se encaixar à sociedade, fazendo uso da camuflagem social (*masking*) para se adaptarem ao ambiente social e aos padrões neurotípicos. Embora possa parecer uma forma de proteção, essa prática pode ter consequências negativas para o aprendizado e o bem-estar psicológicos dos autistas.

A fim de direcionar a pesquisa aqui apresentada, enveredou-se pelos caminhos da Educação, em busca de compreender, dentro do cenário da rede municipal de Fortaleza, Ceará, como a camuflagem social prejudica o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, teve-se como intuito elaborar material com um olhar educacional e multidisciplinar para aplicar em estudos futuros, a fim de capacitar docentes da Rede Municipal de Fortaleza para identificar quando a camuflagem ocorre, auxiliando assim a criança e sua família, incentivando o diagnóstico adequado para que assim siga-se às práticas inclusivas de fomento à aprendizagem.

Para a construção deste estudo, toma-se como objetivo central analisar o fenômeno da camuflagem social em meninas e os impactos desta estratégia para seu desenvolvimento através de uma revisão de literatura. Os objetivos específicos são: identificar os malefícios da camuflagem social para o aprendizado, dentro da realidade da Prefeitura Municipal de Fortaleza; discutir os aspectos clínicos e conceituais sobre o autismo e, descrever sob a ótica multidisciplinar, as características da camuflagem social. O caminho metodológico escolhido foi o da pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, no qual apoiou-se para elaborar uma revisão bibliográfica, cujo início deu-se em bases de dados tais como SciELO, Pubmed e o Portal de Periódicos da EcuCapes. Almeja-se, com este escrito, traçar novos caminhos para o fortalecimento da inclusão de alunas autistas na rede municipal de Fortaleza.

METODOLOGIA

No percurso metodológico, optou-se pelo cunho qualitativo, para contemplar a interdisciplinaridade necessária à compreensão do tema. Os olhares múltiplos sobre o autismo e sua camuflagem são um elemento fundamental para entender seus impactos

negativos para o aprendizado. Assim, foram preteridas produções oriundas da Psicologia, Psiquiatria, Psicopedagogia e Educação.

Em relação aos objetivos, a pesquisa adquire traços exploratórios, buscando maior proximidade com a temática. A escassez de produções em âmbito nacional sobre o tema é uma questão a ser ressaltada, uma vez que não há em quantidade relevante escritos sobre os efeitos negativos do *masking* para o processo de ensino e aprendizagem.

A estratégia de busca foi construída a partir de termos aliados a operadores booleanos, formando as seguintes expressões: *camouflage or masking and autism and school*. Assim, partiu-se para a busca de produções internacionais, realizada nas plataformas Pubmed, SciELO, Elsevier, Google Scholar e Science Direct.

Para a seleção de produções, foram aplicados critérios de inclusão e de exclusão. Os critérios de inclusão estabelecidos foram: publicações em inglês e espanhol, produzidas a partir de 2018, que retratam a camuflagem de pessoas autistas em idade escolar, estudos primários cujas versões na íntegra estivessem disponibilizadas gratuitamente, com dados originais fornecidos por pessoas diagnosticadas com TEA sobre o impacto da camuflagem na qualidade de vida, funcionalidade social e bem estar-emocional.

Como critérios de exclusão, foram estabelecidos: artigos de opinião, resumos de eventos sem dados completos, participantes com outro diagnóstico (TDAH, por exemplo), estudos que não apresentaram dados quantitativos ou qualitativos sobre a camuflagem, casos clínicos com intervenção farmacológica isolada, estudos com metodologias que atrapalhassem os resultados (julgamento subjetivo, heterogeneidade de dados, sem protocolo de revisão) e estudos publicados em revistas não indexadas nas bases de dados citadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

As primeiras características do Transtorno do Espectro Autista costumam aparecer nos primeiros anos de vida da criança. Bebês com TEA podem apresentar dificuldades para dormir, pouco interesse em brincar com outras crianças, falta de atenção ao que acontece à sua volta e dificuldade para fazer contato visual (Nascimento; Bittencourt, 2022). À medida que crescem, podem mostrar comportamentos repetitivos, como balançar o corpo ou girar objetos, e ter dificuldade em entender e responder a sentimentos de outras pessoas.

Além disso, podem apresentar sensibilidade exagerada a sons, luzes ou texturas, e ter dificuldades para lidar com mudanças na rotina (Nascimento; Bittencourt, 2022).

O diagnóstico de Autismo, acontece quando o atraso global de desenvolvimento incide depois dos três anos de idade, ou quando há dificuldades em diferentes áreas do desenvolvimento (cognição, comunicação, interação). Entretanto, muitos indivíduos são diagnosticados tardiamente, o que implica em uma série de prejuízos cognitivos, sociais e educativos.

Dentre os principais empecilhos para um diagnóstico preciso, dá-se ênfase à camuflagem, concebida como um fenômeno compreendido como uma estratégia utilizada pelos autistas, em especial mulheres, para mascarar suas dificuldades sociais, levando-os a adotar comportamentos considerados “normais”, almejando assim a aceitação das demais pessoas (Camargo Júnior; Paiva, 2021).

Conforme Viana (2024⁴), o âmbito da saúde mental da rede municipal de Fortaleza vem enfrentando problemas para atender a expressiva demanda de cerca de 23.774 crianças com deficiência que aguardam na fila de triagem para o encaminhamento às terapias. Destas crianças, 1.500 são autistas e as demais possuem deficiências psicomotoras e laudos inconclusivos, o que pode levar a um cenário de subnotificação de casos de autismo. Enquanto o diagnóstico não fornece uma conclusão definitiva, as crianças buscam adequação nos meios onde estão inseridas, incluindo a escola. Um destes meios se trata da camuflagem social, que pode trazer malefícios expressivos para o processo de ensino e aprendizagem, visto que manter uma máscara social exige um grande esforço cognitivo e emocional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, estão elencadas as produções acadêmicas escolhidas e analisadas que tratam na camuflagem social no ambiente escolar. Para melhor compreensão dos resultados, os artigos foram tabulados e seus dados separados em Título e ano, autor(es), método de pesquisa utilizado e conclusão.

⁴ VIANA, Theyse. Fortaleza tem 23 mil crianças na fila para tratamento de transtornos como autismo na rede municipal. **Diário do Nordeste**, 24 de julho de 2024. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/ceara/fortaleza-tem-23-mil-criancas-na-fila-para-tratamento-de-transtornos-como-autismo-na-rede-municipal-1.3537797>. Acesso em agosto de 2024.

Quadro 1 – Síntese dos resultados.

Título e ano	Autor (es)	Método	Conclusão
Measuring Social Camouflaging in Individuals with High Functioning Autism: A Literature Review (2023)	Cremone et al.	Pesquisa bibliográfica nas plataformas Pubmed e Scopus	Apesar da escassez de estudos sobre o tema, algumas relações entre camuflagem e manifestações de ansiedade, depressão e até mesmo suicídio foram evidenciadas.
Camuflagem social e as dificuldades diagnósticas no transtorno do espectro autista em pacientes do sexo feminino (2023)	Camargo Júnior e Paiva	Revisão sistemática	A realidade observada são meninas e mulheres esgotadas tentando se encaixar dentro do que é esperado delas, em muitos casos sendo diagnosticadas tardiamente ou erroneamente.
Missed diagnoses and misdiagnoses of adults with autism spectrum disorder (2022)	Fusar-Poli et al.	Revisão retrospectiva de prontuários clínicos de adultos com diagnóstico de TEA após a publicação do DSM-5 e até dezembro de 2019 em 3 serviços especializados na avaliação e tratamento de adolescentes e adultos com TEA (Laboratório Autismo, Universidade de Pavia; Serviço ambulatorial para TEA, Hospital Universitário Policlínico, Catania).	Considerando a prevalência do autismo e as elevadas taxas de comorbidades psiquiátricas, é crucial que os clínicos levem em conta o TEA no processo de diagnóstico diferencial.
Camouflaging” by adolescent autistic girls who attend both mainstream and specialist resource classes: Perspectives of girls, their mothers and their educators (2021)	Halsall, Clarke, Crane.	Entrevistas semiestruturadas foram conduzidas com oito meninas adolescentes, seus pais (oito mães) e seus educadores (seis assistentes/auxiliares de ensino e um membro sênior da equipe) sobre as experiências de camuflagem das meninas e análise temática reflexiva	Os resultados enfatizam a importância de um maior conhecimento sobre como a dissimulação se manifesta em todo o espectro autista e indicam que o apoio personalizado e baseado em evidências será fundamental para possibilitar que meninas autistas prosperem no ambiente escolar.
Understanding the Reasons, Contexts and Costs of Camouflaging for Autistic Adults (2018)	Cage, Withman	Estudo com 242 indivíduos, com coleta de dados via autorrelatos.	Os resultados revelaram uma disparidade de gênero nas motivações para a dissimulação, com mulheres autistas mais inclinadas a endossar razões "tradicionais" (por exemplo, adaptar-se em ambientes formais como o trabalho).
Friendship motivations, challenges and the role of masking for girls with autism in contrasting school settings (2018)	Cook, Odgen, Winstone	Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 11 meninas com autismo, com idades entre 11 e 17 anos, e um dos responsáveis por cada menina com análise temática.	Os achados indicaram a necessidade de intervenções, como a capacitação de profissionais e a implementação de programas que promovam a interação social de meninas com autismo, levando em consideração suas percepções específicas sobre amizade.

Sex/Gender Differences in Camouflaging in Children and Adolescents with Autism (2021)	Wood-Doonie et al.	Análise de potência com Tarefa de Desenho Interativo para fornecer índice de reciprocidade, com 16 Coordenadores de Necessidades Educacionais Especiais (SENCOs) e/ou Diretores de 16 escolas no sul da Inglaterra.	Os resultados fornecem indícios de uma dissimulação mais acentuada em mulheres autistas, o que pode contribuir para o atraso no reconhecimento de suas dificuldades e no fornecimento de suporte adequado.
Sex Differences and Parent-Teacher Discrepancies in Reports of Autism Traits: Evidence for Camouflaging in a School Setting (2024)	Putnam, McFayden e Harrop	Extração de dados para criar amostra de jovens autistas pareados por sexo ($N = 388$; 4-17 anos). Os participantes incluídos tinham relatos de pais e professores sobre traços autistas da Escala de Responsividade Social (SRS).	Os pais das meninas reportaram significativamente mais características autistas do que os professores em diversos domínios. Ser mais velha e do sexo feminino foram preditores importantes do aumento da discrepância entre pais e professores em vários domínios.
Social camouflaging in autism: Is it time to lose the mask? (2019)	Mandy	Revisão bibliográfica	Uma campanha vigorosa é fundamental para influenciar as atitudes e a compreensão do público, a fim de aumentar a aceitação e a tolerância ao autismo para que as pessoas autistas sejam mais livres para serem elas mesmas
Camouflage and autism (2020)	Fombonne	Revisão bibliográfica	Investigações futuras sobre dissimulação demandarão maior clareza conceitual e uma distinção precisa entre sentimentos, vivências, processamento cognitivo, comportamentos e a condição final de pessoas autistas em situações reais da vida social.
Is social camouflaging associated with anxiety and depression in autistic adults? (2021)	Hull et al.	Questionário on-line para investigar a associação entre a camuflagem e ansiedade generalizada e depressão	A camuflagem se mostrou um preditor mais forte para a ansiedade generalizada e social do que para a depressão

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Conforme Cremone *et al.* (2023), um dos traços distintivos do TEA é a dificuldade em estabelecer vínculos sociais e comunicar-se de forma eficaz, além da limitada habilidade de compreender como os outros os percebem em contextos sociais. Indivíduos com TEA níveis de suporte diferente (TEA sem deficiência intelectual) demonstram maior consciência de suas limitações comunicativas, autoavaliando sua competência social como baixa, o que pode desencadear quadros depressivos e ansiosos.

Em especial, há evidências robustas de que pessoas com TEA tendem a apresentar sintomas de ansiedade com maior frequência, sofrendo de transtornos

ansiosos, o que pode agravar as características do TEA, causando incômodo constante e levando a comportamentos problemáticos (Cremone *et al.*, 2023).

Camargo Júnior e Paiva (2023) afirmaram que o fenômeno da camuflagem social é predominante em pessoas com nível de suporte 1 de autismo e que estas pessoas vivem praticamente uma vida inteira sem saber ou entender sua condição, o que leva a sentimento de inadequação à sociedade.

Os autores também afirmam que estas pessoas também são preenchidas por um sentimento de negação, associada ao preconceito consigo mesmas, acarretando na inobservância de outros traços de autismo. Estas características podem passar despercebidas durante anos e, na maioria dos casos, por não haver rigidez cognitiva, estas pessoas conseguem obter um bom desempenho escolar, acadêmico e social e um dos fatores de contribuição é a camuflagem social.

Conforme o estudo de Fusar-Poli *et al.* (2020), pessoas com TEA, especialmente aquelas com um quociente de inteligência (QI) mais elevado, podem ter desenvolvido, desde a infância, estratégias de mimetismo e disfarce social, o que dificulta a percepção dos pais ou responsáveis sobre suas dificuldades subjacentes. Ademais, podem também enfrentar desafios para um diagnóstico clínico, uma vez que as características primárias podem ser encobertas, dificultando a identificação do transtorno (Fusar-Poli *et al.*, 2020).

A camuflagem pode ser entendida como uma discrepância entre habilidades sociais/cognitivas aparentemente atípicas e internalizadas e comportamentos aparentemente neurotípicos e externalizados. Acredita-se que a camuflagem difere de acordo com o gênero, com mulheres autistas sendo mais propensas a tentar camuflar seu autismo e se misturar com os colegas do que homens autistas. A camuflagem social está frequentemente associada a altos níveis de ansiedade e depressão, o que pode afetar significativamente o desempenho acadêmico e a motivação para o aprendizado, dificultando também a construção de relacionamentos autênticos, pois os autistas temem ser “desmascarados” e rejeitados (Halsall; Clarke e Crane, 2021, p. 5).

A camuflagem tem sido associada à exaustão, ansiedade e depressão. Para muitas pessoas autistas, esses aspectos são ainda mais exacerbados pela incerteza quanto ao sucesso de sua camuflagem, juntamente com preocupações sobre o impacto da camuflagem em sua identidade. Isso pode ser particularmente pertinente na adolescência, pois é reconhecido como um momento importante para o desenvolvimento do eu (Cage; Withman, 2018).

Cook, Odgem e Winstone (2018) realizaram com estudantes matriculadas em escolas regulares e especiais da Inglaterra por meio de amostragem intencional, através do envio de e-mails para as escolas, divulgação no boletim informativo da Sociedade Nacional de Autismo e contato com indivíduos que haviam manifestado interesse em participar por indicação. Os critérios de inclusão abrangeram meninas dos 7 aos 13 anos com diagnóstico de autismo, dispostas e capazes de responder às perguntas da entrevista e compartilhar suas experiências, e um de seus pais.

As meninas enfrentaram inúmeros desafios, especialmente no que diz respeito às relações sociais. Em ambientes escolares especializados, essas dificuldades eram ainda mais acentuadas pelas necessidades específicas de outros alunos. Muitas foram excluídas de festas e eventos sociais. Os pais frequentemente atribuíam isso a uma imaturidade em comparação com seus pares e também observaram a tendência das meninas a fazer amizade com outras crianças com deficiência ou diferentes.

Aproximadamente metade das meninas haviam sido alvo de bullying, embora, novamente, as experiências em escolas especializadas revelassem um conjunto mais complexo de questões, sugerindo que os incidentes nem sempre poderiam ser categorizados como *bullying*. O mascaramento pode ter ocultado os sinais de autismo, dificultando o diagnóstico precoce.

Na análise de Wood-Doonie *et al.* (2021) oito mulheres apontaram que, na adolescência, no cenário escolar, seus pares demonstravam habilidades sociais significativamente mais desenvolvidas, o que dificultava a criação de vínculos e gerava sentimentos de isolamento. Um número expressivo dessas mulheres relatou o desenvolvimento de algum transtorno mental, com destaque para depressão, ansiedade e distúrbios alimentares. A constante necessidade de monitorar o próprio comportamento e suprimir características autênticas pode levar ao esgotamento mental e físico, dificultando a concentração e a retenção de informações.

Com esta linha de raciocínio, corroboram Putnam *et al.* (2024), ao versarem que, ao suprimir suas necessidades e desejos, as pessoas com autismo podem ter dificuldade em comunicar suas dificuldades e buscar o apoio necessário para aprender. Além disso, ao tentar se moldar aos padrões sociais, as alunas com autismo podem perder contato com sua verdadeira identidade e ter dificuldade em desenvolver um senso de si mesmas.

À luz de Mandy *et al.* (2019), foi constatado que as táticas de camuflagem social são variadas. Algumas são relativamente básicas, como por exemplo, quando um indivíduo decide não se entregar aos seus estímulos habituais na presença de pessoas

neurotípicas, ou aprende a fazer contato visual de maneira socialmente aceita. Outras táticas de camuflagem são elaboradas e intrincadas, desenvolvidas através de um processo de aprendizado cuidadoso, consciente e, muitas vezes, prolongado. Um exemplo seria uma adolescente autista estudando deliberadamente o comportamento de uma colega neurotípica na escola e, gradualmente, adotando suas atitudes, roupas, gestos e expressões faciais, criando assim uma persona para lidar com situações sociais.

Fombonne (2020) explica que a confirmação do TEA e da camuflagem social necessita de registros de atividade neuroatípica em algum período da vida do indivíduo e alerta que este processo deve ser acompanhado ainda na infância. O autor ainda versa que é necessário desenvolver novos métodos de avaliação diagnóstica que contemplem observação direta, entrevista com pessoas como colegas de escola, professores, vizinhos e parentes, análise de registros escolares e prontuários médicos e histórico social, para dar maior veracidade e precisão ao diagnóstico.

Desenvolver meios de detecção de camuflagem social é, ainda de acordo com Fombonne (2020) um fator determinante em virtude da observação do aumento do quadro de ansiedade e depressão na sociedade, que pode ter relação com a tensão social estabelecida pela camuflagem. Toda característica atípica manifestada na infância deve ser levada em consideração para o fechamento do diagnóstico. O autor considera que assim, a longo prazo, pode-se evitar o desenvolvimento ou agravamento de transtornos psicológicos, pois a camuflagem social pode passar despercebida até a adolescência, quando as crescentes demandas sociais da vida adulta desmantelam sua armadura.

Hull *et al.* (2021), corroboram com esta linha de raciocínio, reafirmando a associação existente entre a camuflagem social e níveis altos de estresse que culminam em quadros clínicos de depressão e ansiedade, uma vez que para quem a pratica, é uma estratégia de aceitação social exaustiva e que a longo prazo, traz malefícios sociais e acadêmicos, pois o indivíduo vê-se tão impelido a mimetizar os comportamentos neurotípicos a ponto de haver sobrecarga mental que o impede de desenvolver-se em ambientes escolares, levando a níveis insatisfatórios de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo, em virtude de suas particularidades, se configura como um transtorno que traz implicações de vários níveis para a vida da pessoa, a depender do nível de suporte. Isso inclui consequências para a vida social e escolar, que pode culminar em déficit de aprendizado e mau aproveitamento do ano letivo.

A camuflagem social, usada principalmente por meninas, é um tema que carrega consigo questões de saúde pública, por seu caráter de potencialização de quadros de ansiedade e depressão e por esse motivo, merece um olhar mais cauteloso por parte de estudiosos da Pedagogia, Psicologia, Psiquiatria, dentre outros campos que se debruçam sobre o tema.

As pressões impostas pela sociedade moldam os comportamentos de meninas neuroatípicas, que se veem compelidas a mimetizar, por quase toda a vida, as atitudes de pessoas neurotípicas, trazendo sentimentos de frustração, despersonalização, inadequação e despertencimento. A sobrecarga mental da camuflagem social as põe em constante alerta, hiperfocando sua mente em apenas imitar os outros, sufocando as oportunidades de aprendizado e experiências significativas.

Trata-se de uma questão preocupante sob vários prismas, visto que este comportamento a longo prazo torna-se difícil de manter e por essa razão, o diagnóstico de autismo principalmente em meninas deveria ser realizado de maneira precoce para que assim propostas inclusivas e de fortalecimento da identidade sejam elaboradas pelas escolas para auxiliar as alunas em seu desenvolvimento cognitivo e social.

REFERÊNCIAS

CAGE, E.; WHITMAN, Z. Understanding the Reasons, Contexts and Costs of Camouflaging for Autistic Adults. **J Autism Dev Disord.**, V. 49, 2019.

CAMARGO JÚNIOR, E.; PAIVA, E. Camuflagem social e as dificuldades diagnósticas no transtorno do espectro autista em pacientes do sexo feminino. *Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT*, 2023.

COOK, A.; OGDEN, J.; WINSTONE, N. Friendship motivations, challenges and the role of masking for girls with autism in contrasting school settings. **European Journal of Special Needs Education**, V. 33, P. 302-315, 2018.

CREMONE I.M. et al. Measuring social camouflaging in individuals with high functioning autism: a literature review. **Brain Sci.**, V.10, N°. 13, 2023.

CUPERTINO, M. et al. Transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre aspectos nutricionais e eixo intestino-cérebro. **ABCS Health Sci** V.44, P. 120-130, 2019.

FOMBONNE, E. Camouflage and autism. **J Child Psychol Psychiatry**, V. 61, P. 735-738, 2020.

FUSAR-POLI, L. et al. Missed diagnoses and misdiagnoses of adults with autism spectrum disorder. **Eur Arch Psychiatry Clin Neurosci**, V. 272, P. 187–198, 2022.

HALSALL, J., CLARKE, C., CRANE, L. “Camouflaging” by adolescent autistic girls who attend both mainstream and specialist resource classes: Perspectives of girls, their mothers and their educators. *Autism*, V. 25, N° 7, 2021.

HULL, L., et al. Is social camouflaging associated with anxiety and depression in autistic adults?. *Molecular Autism* V. 12, 2021.

MANDY, W. **Social camouflaging in autism:** is it time to lose the mask? *Autism*, V. 23, P. 1879-1881, 2019.

NASCIMENTO, I.; BITENCOURT, C. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 2021, V. 70, p. 179–187.

PUTNAM, O. C. et al. Sex Differences and Parent-Teacher Discrepancies in Reports of Autism Traits: Evidence for Camouflaging in a School Setting. *J Autism Dev Disord*, 2024.

WOOD-DOWNIE, H. et al. Sex/Gender Differences in Camouflaging in Children and Adolescents with Autism. *J Autism Dev Disord*, V. 51, P. 1353-1364, 2021.